

**UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNI-RIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
CURSO: FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS**

**PEDAGODRAMA,
UMA DIMENSÃO ESSENCIAL
PARA UMA EDUCAÇÃO EM TRANSE**

Por

Valdo de Freitas Felinto

**Rio de Janeiro
2000**

**UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNI-RIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
CURSO: FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS**

**PEDAGODRAMA
UMA DIMENSÃO ESSENCIAL
PARA UMA EDUCAÇÃO EM TRANSE**

**Monografia apresentada ao Curso
de Pós-Graduação *Lato Sensu*
da Universidade do Rio de Janeiro
Formação de Docentes Universitários**

**Por
Valdo de Freitas Felinto**

**Professora - Orientadora:
Martha Alkmin**

**Rio de Janeiro
2000**

**Dedico este trabalho a meus filhos
Ilian, Jano, Dalai, Nina e Huani
em ordem filogenética
mas com igual carinho
e esperança
de que sejam
muito felizes**

**À Moema,
corajosa companheira
de aventura,
de vida e
de pós-graduação,
a quem devo
este passo**

**A meus pais
e antepassados
a quem devo
as melhores partes
do inato e
do adquirido
em mim**

**À minha orientadora
Martha Alkmin
pela magia especial
de seu dom
de inspirar**

AGRADECIMENTOS

**Aos autores e pesquisadores e
a todos que me inspiraram
com sua busca honesta
pelo conhecimento**

**Aos educadores que mantêm acesa
a intuição de seu papel**

**À equipe de professores do
Curso de Formação de Docentes Universitários
da UNI-RIO, por sua coragem em sonhar
e seguir os sinais destes sonhos**

**A meus companheiros nesta
caminhada da pós-graduação**

RESUMO

Este trabalho expõe novos modelos para a compreensão do comportamento humano, nas instâncias de interlocução e de percepção do mundo, e analisa as implicações e impactos, no campo da educação, destes fatos trazidos à luz pela pesquisa científica recente. Trata também de provocar uma releitura antitética destes contextos, alternando a linguagem monográfica mais formal, com a leitura mais sensível da poesia e do humor, despertando os sujeitos envolvidos em sua leitura, para o sabor do drama da existência, enquanto a formulação destas abstrações da ciência sobre ele, o tentam hipnotizar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	01
01 – PEDAGODRAMA -----	05
02 – NASCE A CULTURA -----	09
03 – GUERRA E PAZ -----	11
04 – NO PRINCÍPIO ERA O VERBO -----	13
05 – O PRIMADO DA CULTURA -----	16
06 – MULTIMÍDIA -----	21
07 – CAOS X COSMOS -----	26
08 – O SER DUAL -----	35
09 – ALFABETO FONÉTICO GREGO -----	39
10 – O PONTO DE VISTA -----	44
11 – TEMPO E HISTÓRIA -----	48
12 – O SABER E O PODER -----	51
13 – TUPY OR NOT TO BE -----	53
14 – NA MARCA DO PÊNALTI -----	56
15 – 500 ANOS DE GELÉIA GERAL -----	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	61

INTRODUÇÃO

Querida equipe da UNIRIO.

Por seu carinho generoso aqui estou nesta tarde de outono sentado ao computador.

Queria estar nas montanhas desfrutando esta luz de quase maio e colher poemas silvestres e enviá-los em buquê.

Junto um cartãozinho aquarelado com algum fragmento da paisagem e nada de monografia pois esteticamente cortaria o clima.

Não quero uma monografia.

Só sei de plurigrafias, de singularidades plurais como antevia o poeta

– “mundo mundo, vasto mundo, mais vasto é meu coração.”

E também ando com uma vontade danada

de ir embora pra pasárgada,

que aqui eu não estou tão feliz,

(tem uma avaliação no meio do caminho).

E agora José?

Refletir sobre consciência, comunicação, cultura, educação e sociedade é terreno movediço. Refletir em si já é pleno de suspeições - podemos encontrar as digitais do paradigma a cada dobra do pensamento.

Cabe uma introvisão crítica à moda de Morin!¹

Cabe pensar o pensamento, cabe imaginar o impensável, cabe saborear o pensamento a partir do não-pensar, cabe criar uma linguagem que nos leve além das definições e nos remeta visceralmente a experiência do que se comunica, sobrepassando o impasse imobilizador de Foucault², vencendo o transe e o discurso do prisioneiro, e co/movendo-se, sujeito e sujeito como um bom par de quadriilha ou minueto, dançar.

Quem sabe recobraríamos assim o carisma do conhecimento e não nos moveríamos agônicos nos labirintos do pensamento.

Troquemos pois os contorcionismos intelectuais pelas acrobacias aéreas, alando o corpo entre trapézios.

Sobrevoemos os elefantasiados, os trap/exímios, os palha/sós.

Os fanfarrepios da massassina.

Na corda bambailarina.

Hoje tem espetáculo!!!

¹ Morin, Edgar. Para sair do sec. XX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 151

² FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola: 1996.

Melhor seria indagar sobre o indagar e ir além, em um corpo-a-corpo com a própria consciência em sua atividade de apreensão responsiva, que flui junto com o mundo, constrói representações deste e reflete sobre ele através destas.

Vícios das culturas são tantos que quase são a própria definição de cada uma.

Retiremos o capacete que nos dá acesso a realidade virtual de nossa cultura e acima do pescoço já não encontraremos mais nada.

A própria cabeça era uma invenção do capacete.

Aí estamos nós, mulas sem cabeça soltando fogo pelo nariz, iluminando/incendiando as sombras das noites mais telúricas, assustando os Severinos, Paulos e Freires sertanejos, com este koan assombroso, esta revelação daquilo que antecede e ultrapassa o pensamento mas que queima familiar e íntimo nas entranhas do sentir, cobrando o decifra-me ou devoro-te.

A criação da linguagem que nos socorra!

Dar nome aos bois e às mulas sem cabeça.

Substantivos comuns e dimensões extraordinárias povoando estes mundos mesclados de sonho e realidade.

Correr o risco da noite – estilhaços de estrelas!

Dizem que o polegar em oposição nos permitiu apreender o mundo e modelá-lo.

Que dizer então de um coração em oposição construindo a história de todos os desvios criativos que nos fazem humanos?!

Retiremos pois os capacetes/cabeças e recomeçemos a reconhecer o mundo num jogo de cabras cegas ou mulas sem cabeças, com as mãos estendidas e os sentidos, a imaginação, e a inteligência cooperando ludicamente no desvendamento criativo que é a construção do conhecimento.

Acalmemos pois por instantes a tentativa de controle produtivo da imaginação.

A mente dá saltos quânticos e explode compondo mosaicos multidimensionais.

Já a escrita é artesanal, tem tempos e ritmos próprios.

É um fazer corporal com prazeres singelos de artesão.

Aqui também não cabem ambições.

Um dedo após o outro e mão, pensamento e sensibilidades se complementam tamborilhando sobre o teclado, tornando compartilhável o que era intenção de discurso.

E neste garimpo sem pretensões as jóias começam a se desvelar generosas.

Deixemos então a linearidade para depois.

Que a alma flua e as forças encontrem seu caminho!

1 - PEDAGODRAMA

O processo de investigação da realidade vai desde a interação ontológica entre ente e meio até a elaboração refinada dos sentidos e extensões, e a evolução das linguagens que tornam coletiva e compartilhada esta crescente busca de significados e definições.³

Nos primevos deste processo é mais evidente que o ente é um vir a ser, uma centelha no magma abissal, fundida no mesmo brilho.

O que é a consciência permanece o mistério que nos sacraliza.

Escolhemos um ou outro viés em busca de um modelo congruente mas é à linguagem enviezada dos poetas a quem pedimos a benção nesta noite de estranhezas, espantos e maravilhamentos.

A compreensão é um momento de magia.

Quando assumimos uma determinada moldura para nossas indagações, ganhamos um ponto de partida para um referencial de ordem e compreensão.

O preço são as limitações que cada filtro impõe

A precisão focal implica em redução do campo de observação.

Aqui renunciemos ao foco para sermos mais precisos.

(Há que incluir a inquietude emocionada de seu sujeito).

A primeira metáfora do coletivo é a cooperação dos protozoários unicelulares em busca de alimento. Eles se agrupam criando-se uma criatura multicelular com maior capacidade de deslocamento e de sobrevivência.

³ BATESON, Gregory. Mind and nature. New York: E.P.Dutton, 1979.

A primeira metáfora de conhecimento também vem daí.

O ente nestas circunstâncias, imerso no oceano matriz, distingue concentrações eletroquímicas e com estas interage a partir de sua própria constituição e estado.

E se fosse antinômica a nossa linguagem diríamos que aqui prazer/sofrimento é palavra chave. Nexo sutil na concatenação das coisas.

A mente se espreguiçando sobre a manta do tear encantado.

Ora faminta, ora curiosa, ora doída, ora enamorada.

Mesmo nos organismos multicelulares, como os nossos, as trocas entre as células e o fluido circundante obedecem ao mesmo princípio.

Os íons e elementos-traço entram e saem obedecendo à diferença de carga e polaridade a cada momento.

Carga e descarga, um universo que se organiza e manifesta por interações entre pulsos e ciclos, entre frequências e harmônicos, oscilações e ondas.

Sabemos da física que os sistemas vibratórios (e tudo o é) tendem a entrar em ressonância. Esta é a mãe de todas as linguagens.

A língua (o órgão) corresponde a parte mais antiga do cérebro humano. Ali aonde sabor e saber se fundiam no caldo oceânico de concentrações nutrientes significando sobrevivência.

A língua (ainda o órgão) é a parte de nossos organismos que ocupa a maior área de representação cerebral. Com ela saboreamos, falamos e cantamos.

As trocas cromossômicas também parecem ser um imperativo presente deste a noite dos tempos.

Bactéria devorando bactéria e assimilando seus códigos.

A informação direto nas veias.

A sexualidade como a experimentamos deriva deste jogo.

A vida é toda ela uma teia pedagógica, experimentando, trocando, ampliando.

A base física dos processos energéticos é pura pirotecnia, com o entrechoque desordenado dos campos, gerando compressões aqui e explosões acolá em crescente entropia.

A atividade biológica por seu lado é ordenação progressiva.

Ordenação criativa, flexível comunicativa e aberta (ordenações rígidas tem vida curta).

A inteligência como um pressuposto.

A inteligência como o instinto básico de buscar sentido, significado, e razão.

Pra saber como se dança.

E também para não *dançar no lance, marcar bobeira*.

A dança também como um fato anterior e anterior a esta a própria música e juntemos a isto a nossa irresistível vocação de bailarinos.

O alinhamento rítmico é pré-uterino.

O tatan dos pulsos energéticos ordenando o caos original.

Quanta filogenia iluminaria a utopia pedagógica!

Se é vero que existe evolução ela provavelmente resulta desta troca incessante, cromossômica, de experiências adquiridas. A evolução é a resultante do processo, enquanto o fato gerador é a comunicação contínua entre seres e mundos e entre seres e seres.

Indaguemos como Bateson⁴ sobre o padrão que liga, mas abandonemos por instantes, neste percurso poligráfico, a dominância cerebral esquerda por ele adotada para reduzir ao discurso científico os seus poderosos insights.

Tratemos de legitimar a totalidade do processo de conhecimento que passa por sentir e pensar, tanto quanto ver e ouvir, cheirar e tocar.

Reduzir o que se vive a um discurso de palavras e conceitos bem dispostos, define bem o meio de expressão que elegemos como legítimo, revela nossos preconceitos, desvela nossos filtros.

O que experimentamos ao longo da vida pode e deve ser elaborado em muitas outras expressões, todas elas legítimas, adequadas, pertinentes.

Assumindo que toda leitura é arbitrária, isto é, condicionada pelo contexto, pelo *momentum* do leitor e portanto eivada de projeções, subtextos, fantasias e treinamentos culturais, efetuemos um deslocamento para uma dimensão distante de onde, com uma isenção supostamente asséptica, possamos observar o percurso destes mesmos condicionamentos com o distanciamento e a linguagem peculiar do cientista.

Depois mergulhemos de volta sem culpa em nossa complexa humanidade com suas dores, humores, paixões, iluminações e alumbramentos.

Assestemos os telescópios

⁴ BATESON, Gregory. Mind and nature. New York: E.P.Dutton, 1979, p.8

“Break the pattern which connects the items of learning and you necessarily destroy all quality. ... Why do schools teach almost nothing of the pattern which connects? Is it that teachers know that they carry the kiss of death which will turn to tastelessness whatever they touch and therefore they are wisely unwilling to touch or teach anything of real-life importance? Or is it that they carry the kiss of death because they dare not teach anything of real-life importance? What is wrong with them?”

2 - NASCE A CULTURA

Quando focalizamos nossos regeneradores holográficos para a matriz daquele distante planeta azul, estávamos no limiar da era em que aí, o salto lógico entre natureza e cultura iria adquirir suficiente massa crítica para uma reação em cadeia...

Os avanços estocásticos do processamento genético, otimizando as estruturas biológicas na relação com seus contextos chegara já aos mamíferos superiores e ensaiava já há alguns milênios, segundo as medidas locais, o *test drive* de seu último modelo – o ser humano.

Além dos opcionais, como a cor da pele, tipo de cabelos, formato dos olhos, e *shapes* variados, todos os modelos eram bípedes, tinham o polegar em oposição, nasciam com identidade flexível, eram o estado da arte de imitar, possuíam aptidão para a linguagem articulada, eram capazes de ter consciência de si mesmos como entidade singular, e eram também capazes de modificar seu comportamento após avaliar as implicações de experiências anteriores em contextos assemelhados.

Está claro que estas eram suas potencialidades.

O manual de uso não fugia à regra geral de redação criptográfica de manuais e assim ninguém o lia.

Ocorre que, o projeto gênese não lida com indivíduos isoladamente e sim com grandes agrupamentos de espécies ecologicamente interligadas. Assim os contextos assumem sempre um papel mais relevante e as relações se tornam vetores mais determinantes do processo global de comunicação e governo (ciberneticamente falando).

*"Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.
Mas qual é a pedra que sustenta a ponte?
A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra,
mas pela curva do arco que estas formam.
Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.
Sem pedras o arco não existe"*

Ítalo Calvino⁵

Nascer sem identidade rígida e ao mesmo tempo com uma grande capacidade de imitação ampliava a aptidão para o aprendizado da vida em grupo.

A habilidade para a linguagem fornecia um trânsito inesgotável para a comunicação.

Esta era também enriquecida pela intensa atividade onírica que os sistemas de representação internos de suas percepções lhes proporcionavam.

Eram literalmente coisas do outro mundo que haviam para ser compartilhadas além do prosaico passa aí mais um pedaço do javali!

Neste espaço da ideação o homem podia ser livre quando sonhava sê-lo.

No mundo desperto predominava a esfera da relação, o feedback social construindo a definição compartilhada de realidade.

Estes seres erravam/vagavam em dupla geografia, uma delas compartilhada com seu grupo e a outra pessoal e intransferível, e isto levou à invenção do tacape, como veremos a seguir.

⁵ CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 79.

3 - GUERRA E PAZ

A hegemonia sobre a definição do real é uma das mais antigas paixões humanas.

Sempre teve seus astros e torcidas.

As escalas ideais, os grandes técnicos e suas táticas.

Primeiras, segundas e terceiras divisões.

Hooligans levando a sério e tornando o esporte uma prática de vida ou morte.

Vira-casacas mudando de time a cada campeonato.

Ao lado destes um considerável contingente alheio a estas justas e simplesmente cuidando da vida.

Mas a prática da vida implica em associações diversas igualmente eivadas de cooperações e disputas.

Ambas nos levam a constituir alianças e composições mais elaboradas de cooperação coletiva, a nosso favor ou contra os outros.

Não há como escapar do coletivo e de suas tramas.

Ele, o espelho mágico que nos modela a face superficial (ou mais modernamente a interface, a face que dial/loga, que liga e “loga”) que é reconhecida pelo provedor(o arquétipo matriz), que nos conecta então à grande rede.

Para atravessarmos a ponte precisamos da senha, que nos identifica (como idênticos/singulares), e das linguagens compartilhadas assinaladas por Foucault.⁶

Enquanto esta face superficial domina progressivamente mapas e territórios, o ser profundo continua a procura da memória de seu nome original e de sua face verdadeira.

Deste contraponto emerge a aventura do conhecimento.

Humanos e seus instrumentos, suas linguagens e suas memórias seus sonhos e temores, suas conquistas e suas contradições.

Sociedade e cultura são leituras indissociáveis do mesmo fenômeno.

Entre o patrimônio de saberes já adquiridos e compartilhados e as emergências criativas dos indivíduos digressores instala-se o conflito como um tensor implacável.

Conservar a vida é primordial, expandir as suas possibilidades no entanto tem o mesmo peso.

O homem sonha e sonhando ele subverte.

O sonho é a seiva de todas as utopias.

⁶ FOUCAULT, Michel. Op. Cit. 1996.

4 - NO PRINCÍPIO ERA O VERBO

No salto quântico em que eclode a linguagem entre os humanos acelera-se o estabelecimento desta segunda natureza que denominamos cultura.

Horizonte caracteristicamente humano, este mundo nomeado, que interpõe os símbolos entre o ser e sua experiência de mundo, traz em seu bojo a dualidade entre um possível mundo real (físico) e a ideação projetada por circuitos complexos de percepção e representação internos que encontra na linguagem seu território encantado.

Vemos aqui de Platão a Bateson, um dos desafios básicos que sempre enfrentou a filosofia, a mesma recorrência do sábio que desconfia do que percebe através dos sentidos e volta-se a entender como opera a comunicação entre o mundo dos padrões e a ressonância por eles disparadas em nossas estruturas mentais no ato de perceber/ler/projetar o mundo.

Sócrates, quando afirmava que quanto mais sabia, mais sabia que não sabia, estava atento aos limites que o intelecto tem para envelopar de forma absoluta, a realidade, o que quer que ela seja.

Sócrates, Aristóteles, Platão e Bateson sentam-se à mesa com Budha e Santo Agostinho numa santa ceia aonde o possível judas é o intelecto que ignora o aspecto *maya*⁷ da estrutura de percepção e comunicação humana.

Percebemos diferenças entre padrões, não percebemos coisas.

⁷ Maya é um antigo conceito filosófico da Índia clássica e que serve para denominar a estrutura do mundo de aparências com que lida a percepção humana.

Uma coisa é, neste modo, uma não-aquela-outra. Ou seja esta ou aquela não são coisas em si, captamos as diferenças. Aonde não há diferença (ou não há relação) a percepção não é possível.

Se temos um mínimo de memória residual, como o cansaço da retina que retém a imagem e permite a animação das projeções cinematográficas, podemos alucinar movimentos aonde só vemos quadro a quadro.

Da mesma maneira distinguir momentos ou estados sucessivos em nossa consciência, torna-se possível pelo contraste existente entre eles, desde que sua superposição não induza uma continuidade como a apontada acima.

Em algum misterioso lugar mais adiante a digitalização destas diferenças é processada e reconstruímos, com um toque pessoal aquele mundo lá fora.

Entre nós, sujeitos/consciências e o mundo, estende-se um abismo de intrincadas redes neuronais, cálculos assombrosos e sistemas de representação interna do mundo dos fenômenos.

A validação de padrões do que é perceptível ou passível de sê-lo, passa por um sistema de reconhecimento gestáltico aonde para bom entendedor meio mundo é o bastante.

O idealismo platônico encontra bases biológicas.

Mas como também somos coisas neste mundo,

e como vimos antes que coisas são não-outras-coisas,

vivemos a síndrome do espelho-espelho-meu

aonde eu sou um não-você ou,

no delicado refinamento budista,

você é um não-eu,

uma ausência iluminada da exacerbação do ego em mim,

que me abre à percepção de sua presença,
e nos dia/loga e nos traz à existência na esfera da comunicação.

Platão criou o seu construto a partir do eu-sozinho.

Quando a relação se estabelece com seus mútuos feedbacks, a idealização se relativiza, malgrado as estruturas fisiológicas das percepções, e percebemos que o mundo humano se constrói com sonhos compartilhados!

*Ah se já perdemos a noção da hora,
se juntos já jogamos tudo fora,
me diz agora como eu vou seguir?!*

Chico Buarque de Holanda⁸

⁸ "Eu te amo". Letra de Chico Buarque para Música de Tom Jobim

5 - O PRIMADO DA CULTURA

Entre os humanos a cultura é soberana!

Com esta ousada afirmação entramos, no contexto destas divagações, no terreno fértil do conflito entre inato e adquirido.

A evolução, através de todos os seres envolvidos em seu programa, aponta os seus sensores para o mundo físico aonde o movimento imprevisível dos eventos, seja no nível macro seja no quântico, é aleatório e realiza leituras pontuais que serão o aprendizado adquirido por cada ser em particular.

Estes aprendizados são no entanto condicionados pelas memórias genéticas mais profundas, responsáveis pelo saber e comportamento inato.

Penso que os dois aspectos são essenciais para combinar conservação e experimentação na estratégia estocástica global da evolução.

Podemos considerar uma sequência de eventos como estocástica quando combina um componente aleatório com um processo seletivo de forma que só seja permitida a seleção ou a permanência de determinados resultados gerados no aleatório.

Nosso instinto de aprender é inato.

Com ele mergulhamos no aleatório mundo dos eventos e ampliamos o nosso conhecimento inato através do aprendizado adquirido em nossas vivências.

Temos padrões inatos neste aprendizado que nos orientam sobre o que aprender.

Aprender com liberdade e autonomia pois as novidades são todas bem vindas, daí brincar, criar sonhar e se aventurar serem padrões inatos.

O alarme só toca ante situações que correspondam a memórias traumáticas. De resto a experimentação é livre.

O que aprendemos em nossas vidas particulares é o adquirido.

Nos seres humanos e em algumas outras espécies, este conhecimento adquirido é parcialmente transmitido às gerações seguintes pela cultura e mais lentamente, após infindáveis considerações estatísticas, como inato, pela genética.

Claro está que esta é uma bela metáfora científico/poética desta visão de um possível roteiro operativo do que denominamos (mais uma metáfora) evolução.

Se adotamos o inato como metáfora seminal tendemos “cientificamente” como os behaviorista para justificar os desequilíbrios sociais, o fatalismo religioso, fados e destinos.

Se por outro lado elegemos o adquirido temos a equação homem x natureza, para o bem ou para o mal.

Puro dilema gerado por nossas reduções intelectuais.

Os religiosos tentam superar o dilema combinando as noções de determinação divina e livre arbítrio, responsabilizando o homem, através do difícil acerto de seus atos ao longo retorno ao paraíso perdido.

Mais ou menos como nos exercícios de sobrevivência na selva aonde somos lançados de para-quedas no meio da floresta distante e devemos sobreviver e retornar à base.

*Dentro deste universo, não sabendo nem porque
Nem de onde, como a Água que fui vacilante;
E fora dele, como o Vento ao longo do deserto,
Soprando indeciso, não sei para onde.*

Rubaiyat
Omar Khayyam

Na incorporação da língua falada, o aprendizado adquirido em um determinado momento torna-se inato em um segundo estágio, quando já podemos manejar a língua de forma fluida, sem nos preocuparmos com a agora automatizada estrutura do idioma.

Trata-se portanto de uma questão de escala no tempo e da correta hierarquização das funções.

Podemos deste modo com a contribuição de Bertrand Russel e A. N. Whitehead⁹ (responsáveis pelo conceito de níveis lógicos) e das proposições de Gregory Bateson, conciliar as visões de Darwin e Lamarck, compreendendo a esfera pertinente de cada um dos aspectos do comportamento evolutivo, a maneira como organizam sua experimentação e aprendizados e a escala de tempo, de cada um destes níveis, na estrutura total da espécie e de seus indivíduos.

Numa linguagem menos esotérica o que estamos tentando comunicar é que o tempo de transformação do gene que leva a adaptações mais resistentes e duradouras de uma determinada espécie é precedido por infinitos tempos menores de experimentação e avaliação através de mudanças e adaptações circunstanciais de seus indivíduos.

Padrão e desvio, quando considerados em suas respectivas escalas de tempo biológico perdem seu caráter aparentemente conflitante e evidenciam sua cooperação essencial.

⁹ RUSSEL, B., WHITEHEAD, A. N. Principia Mathematica. Cambridge: Cambridge University Press, 1913

Assim, seja a cultura no nível superficial das coisas deste mundo, ou sejam as estruturas e os bancos de memória genéticos nas fronteiras dos processos moleculares, cada um no seu papel e em sua própria escala de tempo contribuem para que a vida evolua e se enriqueça a cada novo aprendizado.

Quando enfim se dá uma mutação, é como se primeiro um novo arranjo do hardware fosse disponibilizado e depois os desenvolvedores de software produzissem aplicativos explorando as possibilidades do novo arranjo.

Alguns ajustes são sugeridos e após testes exaustivos alteram-se as estruturas de alguns componentes e assim a coisa segue.

Com esta metáfora falamos da interação entre a estrutura do banco genético potencial, suas mutações e o *input* das informações deduzidas das múltiplas experimentações circunstanciais e em contextos diversos do somatório dos indivíduos de um mesmo circuito ecológico.

E é aqui neste terreno que a espécie humana faz a diferença, com a cultura desempenhando um papel soberano entre os seus grupos, otimizando a troca de experiências no nível circunstancial, compartilhando com seus novos indivíduos os aprendizados mais recentes e ampliando esta transmissão via linguagens e suas respectivas tecnologias de representação.

Que papel será que o projeto gênese nos destina?

Seremos os agentes geradores de seu apocalipse?

Uma coisa é quase certa, a nenhuma espécie foi atribuída tanta possibilidade de experimentação e em tal crescente velocidade.

Com a criação dos horizontes transgênicos a cobra passa a comer agora o próprio rabo.

A ponte entre genética e cultura começa enfim a ser transposta e talvez estejamos adentrando o sétimo dia em que Ele irá descansar e nos deixar entregues à própria sorte.

Enquanto isto o amor continua lindo!

Danças de acasalamento, alterações no colorido das penagens, gorjeios inspiradores, aromas e piscadelas marotas.

Como é artística a Criação!

O longo caminho para que os cromossomos comparem seu código e invistam em novo arranjo estatisticamente mais promissor, é precedido pelo drama esteticamente tecido de nossos atos de superfície.

Seríamos nós presas potenciais para um caçador de andróides?

Caso sim, que a trilha sonora seja de boa qualidade e a estrutura dramática bem construída, para termos a maravilhosa sensação de prot/agonizar um momento cheio de significado e de emoções viventes, podendo cantar como o compositor –

*“Pois eu estou aqui vivendo este momento lindo,
pensando em nós dois e as mesmas emoções sentindo!”*

Roberto Carlos¹⁰

¹⁰ “Momentos”. Música de Roberto Carlos / Erasmo Carlos

6 - MULTIMÍDIA

Para os mais afeitos aos modelos acadêmicos e aos padrões de seriedade de estilo no curso de uma argumentação, pedimos uma paciência toda especial.

Um passo adiante e constateremos que esta salada de modos é um procedimento metodológico rigoroso e uma escolha congruente para o tema em exame.

O choque de temperaturas serve para nos manter despertos.

Mergulhados no transe hipnótico da cultura como um todo e em particular da cultura acadêmica, padecemos de condicionamentos viscerais que modelam nossa atitude e percepção na relação com os processos de livremente refletir, criar e conhecer.

Quantas vezes percorremos este vasto território do possível e do imaginável, com os olhos vendados na segurança redutora de nossas tautologias e assim não apreciamos a paisagem.

Estes mecanismos de não ver (ou sentir ouvir, compreender, saborear) que se autodenominam ver (ou sentir, ouvir compreender, saborear) corretamente, terão sua história dissecada ao longo desta exposição.

Subjacente às considerações expostas, até este momento, está o conceito do que chamamos de sistemas de representação neuronais.

Estes seriam a contraparte interna da interação sensorial com o mundo.

Quando sonhamos, movemo-nos no(s) mundo(s) construído(s) por estas representações.

Quando processamos informações e possibilidades, também.

É importante distinguir que segundo este conceito estes sistemas não representam um amontoado caótico de memórias da experiência e sim bem elaborados sistemas de classificação ordenada, estocadas em mapas correspondentes ao modo de cada um dos sentidos perceber o mundo.

O intercâmbio entre os diversos modos de representação garantiram a nossa sobrevivência mais elementar até aqui, através de nossa refinada capacidade de espreita, caçadores e predadores natos que somos, para cuja preservação, só nós mesmos somos uma ameaça.

Ali atrás da moita, e contra o vento, para que nossa presença não seja denunciada ao sentido do olfato de nossa presa, esperamos pacientemente a hora do bote.

Os sentidos trabalhando em perfeita cooperação.

Os externos e internos.

Já é noite e apesar da acuidade noturna da visão para movimento ser alguns milhares de vezes maior do que a diurna, não poderíamos desenhar o percurso de nossa vítima e de nosso salto sem combinarmos os *inputs* dos demais sentidos, reconstruindo internamente o espaço aonde se desenvolverá a nossa ação e colocando nele os seus protagonistas.

O sentido da visão cobre apenas metade do campo, ocupando-se da região frontal e mesmo assim nas horas iluminadas do dia.

O campo posterior é complementado internamente numa perfeita fusão entre o indiscutivelmente virtual e o supostamente não-virtual para a composição integrada da representação do espaço circundante.

Você que está lendo agora observe, (pois esta é uma viagem interativa ou a compreensão não floresce), que a noção do espaço à sua volta é contínua, malgrado seus olhos estejam fixados aqui no texto.

A visão, ela mesma, é descontínua indo até os limites laterais da visão periférica e a partir daí a complementação da continuidade é automaticamente construída com a projeção do que imaginamos estar por aí.

E claro, como observamos muito bem nos cães, as orelhas ajustam o seu foco rastreando o campo auditivo de quando em quando (mesmo quando estão dormindo).

Os demais sentidos como audição e olfato permanecem atentos para qualquer necessidade súbita de redesenho do que não está visível.

Ao mínimo estalido redesenhamos o cenário e recalibramos o tônus hormonal prontos para agir.

O truque aqui é a livre combinação de percepção direta e projeção/imaginação apropriada.

Ouvir com os olhos, cheirar com as orelhas, pensar com as mãos e assim por diante.

Quando processamos internamente a partir da representação neural dos fenômenos da vida podemos usar quaisquer dos sistemas isoladamente ou quaisquer das combinações possíveis entre eles.

Manipulamos os mapas e aqui é bom lembrar o que nos disse Korzybski - o mapa não é o território.

"... important characteristics of maps should be noted. A map is not the territory it represents, but, if correct, it has a similar structure to the territory, which accounts for its usefulness..."¹¹

Portanto quanto mais a estrutura existente dentro de cada um de nossos mapas e a estrutura existente (um nível lógico acima – o mapa dos mapas) entre os nossos diversos mapas, for similar à estrutura do território/mundo, mais a nossa representação do território será acurada e portanto mais eficaz a nossa ação.

Toda a compreensão e saber humano se estabelece de forma cooperativa seja através da crítica ou do desenvolvimento dos temas anteriores. Assim avançamos todos, geração após geração, na exploração dos limites de nossas possibilidades.

A história da ciência é o relato da construção deste legado coletivo.

A proposição final vem sempre trajada a rigor mas sabemos que é a paixão e o fascínio que nos movem em direção ao conhecimento.

Assim, a despeito das normas acadêmicas para monografias não o recomendarem, não há como não registrar uma admiração emocionada quando acompanhamos os passos geniais destes artífices.

Entre outros, Bertrand Russel e Whitehead com a compreensão dos tipos lógicos, Von Neumann e sua teoria dos jogos, Norbert Wiener com a cibernética, o trabalho de Gregory Bateson e colaboradores no instituto de pesquisas psiquiátricas de Palo Alto, a vida e trabalho extraordinários de Milton Erickson no campo da hipnose clínica, Fritz Perls e sua gestalt-terapia, Roger Sperry com seu trabalho sobre a divisão do cérebro que lhe

¹¹ A. Korzybski, *Science & Sanity*, Lakeville: The International non Aristotelian Library P. C., 4th Ed., 1958, p. 58.

valeu um Nobel e as pesquisas de Noam Chomsky e dos gramáticos transformacionais no campo da linguística, forneceram as premissas teóricas anteriores para que se construísse a ponte entre a estrutura da linguagem e a do comportamento.

Depois deles, com o meta-modelo da programação neuro-linguística proposta por Bandler e Grinder, encontramos um sistema eficaz para o estabelecimento de um nexos entre comunicação humana, transformação e estrutura interna da experiência subjetiva, possibilitando a criação de instrumentos efetivos para as mudanças de paradigmas.

Realiza-se assim o encontro antes conflitante entre psicologias do comportamento e psicologias fenomenológicas ou humanistas.

As metas visadas por Gregory Bateson e pelo grupo de pesquisadores do Instituto de Pesquisas Mentais de Palo Alto, de quem ele era mentor, encontram uma geração adiante, sua pedra de roseta.

Em sua introdução para o primeiro dos dois volumes de "The Structure of Magic"¹², 1975, Bateson comenta sobre o caminho percorrido.

"We already knew that most of the premises of individual psychology were useless, and we knew that we ought to classify modes of communicating. But it never occurred to us to ask about the effects of the modes upon interpersonal relations. In this first volume, Grinder and Bandler have succeeded in making explicit the syntax of how people avoid change and, therefore, how to assist them in changing.

This discovery seems obvious when the argument starts from linguistics, instead of starting from culture contrast and psychosis, as we did."

A Programação Neurolinguística é um meta-modelo. Um modelo que descreve como a linguagem (ela mesma um modelo) e o comportamento interagem, desvendando na estrutura do discurso as operações e as escolhas comportamentais e perceptivas que seu sujeito realiza subjetivamente. O humano posto pelo avesso através do seu uso da linguagem falada e de outros padrões não-verbais de comunicação.

¹² BANDLER, Richard, GRINDER, John., The structure of magic: a book of language and therapy. Vol I.

7 - CAOS X COSMOS

Existe uma corrente de pesquisadores que descreve as atividades de processamento cerebral como basicamente redutoras.

Podemos perceber e o percebemos em níveis além da consciência a totalidade de estímulos que nossos canais, calibrados para bandas de frequências físicas bem conhecidas, podem receber.

O caos desta totalidade não tem para nós nenhuma serventia, assim reduzimos o caos em cosmos e fiat lux!

A maneira como processamos esta redução obedece conhecidas leis gerais da atividade modeladora da mente humana que são: generalização, eliminação e distorção. Um dos méritos dos gramáticos transformacionais foi colocar evidente o funcionamento destas três leis universais no âmbito dos sistemas das linguagens humanas.

Para o modelo transformacional empregado na Programação Neurolinguística, foram adotados como relevantes outros três universais que são:

1 – a capacidade (de grupos de falantes nativos de uma língua), de perceber se a seqüência de palavras em uma oração está correta, bem formada.

elefante João circo no viu o {versus} João viu o elefante no circo

2 – a capacidade de perceber o que pode ser agrupado como uma unidade maior no interior de uma frase.

O sol / do fim / da tarde {versus} O / sol do / fim da / tarde

3 – a capacidade de compreender as relações lógico/semânticas refletidas nas frases.

3.1 – a capacidade de diante de um verbo poder identificar quantas e quais coisas podem estar envolvidas naquela ação.

*Beijar, por exemplo, implica em uma pessoa que beija e
uma pessoa ou coisa que é beijada.*

3.2 – a capacidade de perceber se um enunciado é ambíguo

A investigação da polícia é perigosa.

A polícia investiga de forma perigosa {versus} Investigar a polícia é perigoso.

3.3 – a capacidade de reconhecer quando duas sentenças distintas tem o mesmo significado ou contém a mesma mensagem.

Maria olhou para o ponto acima & Maria olhou acima para o ponto.

3.4 – a capacidade de saber se uma palavra designa um objeto em particular ou a sua classe e mais além a capacidade de perceber se duas entidades diferentes em uma mesma frase referem-se a um mesmo objeto ou classe.

João fez a tarefa ele mesmo.

3.5 – a capacidade de pressuposição que lhe permite inferir que eu tinha um gato quando me ouve dizer: *O meu gato fugiu.*

Outra ferramenta da gramática transformacional é o modelo que identifica em uma sentença a estrutura profunda e as estruturas superficiais presentes na expressão e as possíveis transformações que se podem derivar entre estes níveis.

A estrutura superficial é aquela que expressa mais completamente a plena representação linguística de onde ela deriva – a estrutura profunda.

Quando, subjacente a uma determinada fala, está operando a “universal linguística” da eliminação, nas orações emitidas aparecerão lacunas de representação que podem ser identificadas por um observador atento.

Nas instâncias terapêuticas podemos observar que quanto mais completo um relato em sua correspondência com a estrutura profunda mais o sujeito de sua fala está próximo vivencialmente do nível da experiência por ele relatada. Pelo contrário as lacunas denotariam também dificuldades reveladoras no acesso a estes estratos de sua experiência.

A linguagem humana é uma maneira de representar o mundo.

O sistema nervoso que é responsável pela produção do sistema representacional da linguagem é o mesmo através dos quais nós os humanos produzimos todos os outros modelos de representação neural.

Os mesmos princípios estruturais estão operando em todos estes sistemas

Uma outra pista sobre o processamento são, no caso da linguagem falada, o uso dos predicados, indicando que mapa ou combinação de mapas sensoriais estão sendo utilizados naquele momento (e como).

No nível não-verbal, a decodificação é complementada por todo um complexo de informações corporais como postura, expressões, ritmos, assimetria corporal nos gestos que pontuam a falam, padrão respiratório, tonalidade e ponto de ressonância, movimento dos olhos.

Sobre este último item, o movimento dos olhos, descobriu-se um padrão em que a cada distinto mapa sensorial corresponde um volteio dos globos oculares em uma direção específica. O observador atento, treinado nesta leitura, pode acompanhar enquanto escuta a sincronicidade entre direções específicas de deslocamentos dos olhos em suas órbitas e os predicados empregados ao longo da fala.

Quando acessamos o sistema de representação visual os olhos deslocam-se instintivamente para cima. Há uma variante em que os olhos esgazeiam focando o infinito.

Para cima e para a esquerda significa que estamos acessando o mapa da memória visual e para cima e para direita estamos no reino do visual imaginável, aonde desenhamos ou projetamos a experimentação de novas possibilidades nesta modalidade de representação.

Se o processamento é auditivo, os olhos se deslocam horizontalmente para os lados. E aqui de novo a assimetria – para a esquerda lembramos e para a direita imaginamos.

Quando os olhos se deslocam para baixo e para a esquerda estamos acessando o mapa das emoções e sensações, a esfera do cinestésico. Se para baixo e para direita estamos processando digitalmente o pensamento, raciocinando. Quase como se sentir fosse assimétrico de pensar!!!

Quando a presença dos predicados é incongruente com o movimento dos olhos, pode-se mapear os limites entre atividades conscientes e inconscientes do (e para) o sujeito observado.

A perspectiva terapêutica/educacional deste instrumento volta-se para resgatar o acesso completo à totalidade dos mapas permitindo transcender os impasses de comunicação, entre sujeito espectral e seus recursos internos, entre sujeito espectral e interlocutor e entre sujeito espectral e mundo.

Cunhamos o termo sujeito espectral para denominar a faixa(espectro) de consciência consciente disponível para um determinado indivíduo.

Nos impasses de comportamento esbarramos nos limites espectrais de nossa capacidade de acesso aos sistemas de processamento e representação e, portanto, a dificuldade vivida/relatada resulta quase sempre do arranjo incongruente entre mapas e situações.

As curas fulminantes de fobias e dislexias, são por exemplo um das muitas demonstrações da acuracidade deste modelo neurolinguístico.

A fobia assenta-se em um gatilho somático, aonde um estímulo, em associação com uma situação fortamente traumática anterior, dispara uma avalanche de transes hormonais, soterrando literalmente a consciência de suas vítimas e imobilizando suas alternativas comportamentais.

As fobias sempre foram uma barreira para a abordagem psicanalítica (sem com isto desmerecer os seus méritos específicos), estendendo-se seu tratamento as vezes por anos a fio.

Com o emprego do meta-modelo da programação neurolinguística isto, se bem feito, reduz-se a uma sessão de menos de uma hora.

O modelo psicanalítico lida com interpretações de mapas simbólicos da mente humana, desconstruindo sua fala em busca do histórico e das pulsões afetivas do inconsciente, a partir dos insights de Freud sobre a repressão da sexualidade desde a primeira infância, aonde localiza a raiz de todos os posteriores problemas no desenvolvimento do indivíduo e que, quando não superados, geram a personalidade neurótica, segundo sua própria terminologia.

O metamodelo da Programação Neurolinguística, desconstruindo o mesmo discurso, proporcionaria uma compreensão das estratégias envolvidas na produção daquele comportamento específico.

Com a identificação dos diversos sistemas de processamento subjetivo envolvidos na situação relatada, pode-se aqui e agora, através da interlocução com este sujeito, acessar outros arranjos e sequências de processamento subjetivo, que significassem mais recursos e que lhe permitissem, imediatamente, ter opções no seu comportamento e em suas resposta somáticas.

No desenvolvimento desta abordagem linguística do processo de estruturação e mudança do comportamento humano os seus criadores acompanharam, registrando e analisando por longo período o trabalho clínico de terapeutas notáveis, na busca de padrões linguísticos e de comunicação, que tornassem visíveis o segredo, que fazia daqueles terapeutas os mais eficazes, quase mágicos em seu trabalho com pessoas.

Os padrões detectados após rigorosa análise linguística de todo o material, revelavam que nos momentos que precediam e durante a “mágica que cura”, havia se estabelecido uma poderosa comunicação entre os sistemas de representação subjetiva de paciente e terapeuta, seja através da postura corporal, do ritmo da fala, do uso dos predicados e do manejo geral da linguagem.

Ocorre que cada um de nós, no nível do aprendizado adquirido, pode acidentalmente ou por influência da cultura aonde estamos imersos, desenvolver especializações ou dominância hierárquica entre os sistemas de representação neuronal.

Isto irá inevitavelmente influir em nosso comportamento geral e particularmente em nossa linguagem aonde os predicados denotarão esta especialização e esta dominância.

Assim por exemplo, quando uma pessoa de dominância fortemente cinestésica, é interpelada por algum interlocutor que seja mais afeito à dominância visual, sobre se algum

assunto está CLARO, ela pode ficar por alguns instantes sem saber do que se trata ou aonde o outro quer chegar com sua pergunta.

Para esta mesma pessoa melhor seria perguntar de forma mais cinestésica, se ela por exemplo, SENTIU aonde você quer chegar.

Aqui o predicado empregado, remete sua consciência automática, irresistível e diretamente para áreas de processamento mais familiares e a comunicação se dá com muito mais empatia.

Ficou claro, deu para sentir, como está lhe soando isto, lhe cheira bem, percebe, entende, lhe toca, está gostoso, emociona, ilumina, lhe faz vibrar?

Cheirou, saboreou, sentiu, ouviu, viu, percebeu, o que isto tem que ver com educação?!

Nesta última frase fizemos um arranjo filogenético progressivo indo com a pergunta desde os níveis mais límbicos até o córtex superior remetendo predicados ao longo de toda a escala.

Voltamos assim ao campo da neurologia, dos modelos filogenéticos que criamos para representar o nexos entre os padrões e funções biológicos.

Existe uma corrente que trabalha com a hipótese de um desenvolvimento ontogenético.

Por esta linha de investigação teríamos no desenvolvimento embriológico individual a memória de toda a cadeia filogenética estocada nos bancos genéticos desde o começo da vida.

Começamos no útero como pequena célula fecundada e caminhamos saudando nossos antepassados em cada estágio progressivo e recebendo deles a benção estatisticamente mais favorável para a nossa atual existência.

A todos eu sou grato!!!

Assim foi a partir de interações reais entre terapeutas fantásticos e seus pacientes, (como Fritz Perls e sua cadeira quente, as atordoantes técnicas de hipnose linguística de Milton Erickson, que curava contando histórias e anedotas surpreendentes, o uso de metáforas no trabalho terapêutico de Virginia Satir) que os criadores da Programação Neurolinguística encontraram a base empírica que deu humanidade ao meta-modelo.

Vale aqui colocar que as técnicas de hipnose linguística de Milton Erickson¹³, baseavam-se em sua intuição de que estamos todos em maior ou menor grau vivendo em um mundo filtrado por nossas escolhas de sistemas de representação, isto é com a consciência envolta e em transe.

Seu método era quase sempre recheado de deliciosas conversas aonde linguisticamente e através da observação do estado e das reações de seus pacientes à sua interação, ia desvendando o transe e seus limites e, ainda através de alguma anedota ou história que lhe ocorresse na ocasião, ia dirigindo o rumo da atenção inconsciente da pessoa para outras possibilidades comportamentais.

O conceito de inconsciente aqui difere bastante do formulado pela psicanálise, tomando-a momentaneamente uma vez mais à guisa de exemplo.

O pressuposto no trabalho clínico de Erickson e dos programadores neurolinguísticos é que podemos nos comunicar com outros níveis da identidade organizada do sujeito sem que sua identidade superficial consciente se aperceba.

¹³ ERICKSON, Milton H. Os seminários didáticos de psicanálise de Milton Erickson; editado c/ comentários por ZEIG, Jeffrey. Tradução Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

De novo aqui o contrato/contraste entre as possibilidades aparentemente sem limites do indivíduo (hardware) e os ajustes culturais (software) que cada programa social impõe em prol da comunicação coletiva.

O estado da arte em comunicação é mais ou menos como ter a sensibilidade de perceber e me dirigir a Deus em você e depois sair andando sobre as águas.

Para um educador é importante ver através dos contextos o ser humano ali adormecido. Mesmo nos transes sociais mais redutores, toda sua carga de divindade criadora está intacta, para quem saiba com ela comungar.

Os contextos, sempre eles! Aí devemos trabalhar as mudanças.

Por isto uma educação pela liberdade é inseparável da visão sistêmica do processo de transformação social.

Micro e macro devem se interligar em uma dança delicada, para que sua comunicação não se transforme em esgotamento na luta vã e sectária entre padrão e desvio.

Ao desvio cabe a responsabilidade radical da lucidez em sua tarefa de iluminar o padrão rumo aos avanços possíveis e de também reconhecer os seus limites em prol da conservação comum.

Podemos nesta reflexão ouvir o eco das antigas palavras de Morin nos primórdios de sua virada intelectual rumo ao pensamento complexo revendo a postura dos revolucionários no desafio de se criar uma política do homem.¹⁴

¹⁴ MORIN, Edgar. Introduction a une politique de l'homme. Paris: Éditions du Seuil, 1965.

8 - O SER DUAL

Roger Sperry e colaboradores estabeleceram as bases para a compreensão do funcionamento diferenciado dos hemisférios cerebrais.

Por estas descobertas sabemos agora que o processamento subjetivo estabelece bases aqui e ali na matéria encefálica. Esmiuça-se à exaustão na pesquisa de todas as possíveis assimetrias laterais de funções entre os dois hemisférios.

Disto sabemos que cada hemisfério cerebral é responsável por funções específicas, se especializando cada um deles em atividades distintas e complementares.

Dados posteriores revelaram que esta especialização é adquirida no embate com a cultura e principalmente no aprendizado social dos primeiros anos de vida.

Só para citar um exemplo, o mapa das áreas linguísticas nos falantes da língua japonesa, desde que imersos nela até aos sete anos de idade, situa-se em diferentes regiões do cérebro quando comparada com a dos usuários do alfabeto fonético da atual cultura ocidental.

Para o escopo desta reflexão, queremos apenas subsidiar os parágrafos anteriores quanto a questão de comunicação múltipla, com um mesmo sujeito, nos casos de comunicação hipnótica, nas interlocuções com programadores neurolinguistas e, porque não, nos casos de amor à primeira vista!

Revisemos por um instante a noção de sujeito.

Para nós aqui o sujeito é o potencial pleno do indivíduo, o que nem sempre ou quase nunca coincide com sua identidade social, seu eu menor, que denominamos antes de sujeito espectral.

O sujeito é um criativo explorador do vir-a-ser entre mundos.

O eu spectral, joga o jogo do padrão no plano adquirido da cultura, enquanto o sujeito total dança a música do desvio explorando est/artisticamente novas combinações.

Complementando aqui de forma breve a compreensão introdutória de como opera a comunicação múltipla na hipnose clínica de Milton Erickson e demais magos, diremos que nos indivíduos aonde as funções especializadas dos hemisférios cerebrais estão mais fortemente dissociadas (o que *per se* já é um bom indicio de que devem procurar uma terapia!), encontra-se uma consciência inconscientemente cindida, permitindo a comunicação com cada uma destas partes quase que subliminarmente.

As chamadas comunicações subliminares acontecem quando por exemplo apresentamos, ao indivíduo total, um estímulo que vai além do limiar dos processos de percepção de sua identidade social consciente.

O caso clássico é o das mensagens tipo beba coca-cola impressas em apenas um fotograma (que dura 1/24 minuto) e que é repetida diversas vezes e espaçadamente ao longo de um filme.

A mente consciente da nossa cultura não lida com tal velocidade de processamento visual e assim não integra a seu banco de dados consciente esta pequena peça de informação.

Para a mente do indivíduo (hardware) ela é registrada e decodificada normalmente em áreas aonde a inibição e julgamentos do consciente spectral não intervem. Decodificada empaticamente como uma ordem saímos do cinema direto para bar mais próximo procurando o refrigerante.

? Antropólogos[?] fazendo pesquisas de campo na África se indagaram se a percepção das imagens no cinema é inata ou aprendida. Levaram então para uma aldeia projetor, tela e filmes.

Iniciada a sessão todos os espectadores permaneciam impassíveis até um momento em que pularam todos de uma vez com grande agitação.

Para os pesquisadores era uma cena aonde nada de notável havia acontecido e ao fim da projeção perguntaram o que tinham visto ao longo do filme.

Ninguém havia visto nada, salvo uma galinha, o que provocou a cena do pulo em nosso relato.

Os pesquisadores então passaram para si mesmos a película mais uma vez e não conseguiram ver nenhuma galinha. Retiraram então o filme do projetor e passaram a examiná-lo quadro a quadro e em um fotograma apenas, daquela cena, uma galinha entrava e saía no canto inferior da tela.

Nos dois casos citados acima percebemos a questão do limiar espectral adquirido no aprendizado da cultura.

Só para lembrar, não percebemos coisas e sim diferenças entre elas!

Durante o aprendizado da cultura balizamos nossas percepções para que caibam nos critérios descritivos que a língua compartilhada nos oferece.

Sabemos de forma inata como adquirir o imprint do espectro da cultura.

Pode-se pressupor aqui um cruzamento entre inato e adquirido, intermediado por estruturas ontogenéticas.

Avançando nesta intuição percebemos a possibilidade de que algumas estruturas inatas venham e permaneçam parcialmente abertas até o tempo limite de sua maturação. Enquanto isto, ao longo deste tempo pré-maturação disponibiliza-se para o imprint externo da cultura.

Caminhando nesta direção das intuições ontogenéticas, vale empreender com Renato e Rosellina Balbi a “Longa Viagem ao Centro do Cérebro”¹⁵.

Ele, é um neurocirurgião italiano navegando nos mares do desvio acadêmico e ela sua irmã jornalista que luta para divulgar uma teoria de grandes implicações mas que para a comunidade científica e acadêmica traz o incômodo da revisão de vários paradigmas.

Seu modelo dá, entre outras coisas por exemplo, uma explicação satisfatória para o fato de que os sintomas de vítimas do mal de Parkinson desapareçam sob o efeito do transe hipnótico e que os efeitos teratogênicos da talidomida só afetem as grávidas durante um período específico da gravidez. Este período coincide em sua escala ontogenética à fase filogenética que ele descreve a seguir:

Neste momento, não será inútil recordar que existe uma semelhança notável entre algumas ordens de mamíferos aquáticos, como por exemplo as focas, e os carnívoros terrestres. De fato a diferença principal consiste na rudimentarização dos membros que se verifica nos mamíferos aquáticos, devido ao fato de na água os membros terem se tornado inúteis. Neste ponto do processo evolutivo verifica-se pois, o que podemos definir como uma modificação organizativa dos membros. Nos primatas que levam uma vida arborícola os membros transformaram-se de órgãos de apoio em órgãos de preensão. Nas focas que levam uma vida aquática tendem a rudimentarizar-se. Nos carnívoros ficam inalterados.

Eis pois na base da nossa teoria o mecanismo de ação da talidomida. Inibindo as estruturas que permitem a transformação dos membros em órgãos de preensão, o fármaco provoca no embrião humano e no embrião do símio um desvio para uma via colateral da evolução, a via que foi seguida pelos mamíferos aquáticos ou seja, a rudimentarização dos membros.

Resulta também de sua teoria uma bela construção interligando hierarquicamente os níveis e camadas sucessivas dos estratos cerebrais e a inferência de funções intermediárias gerenciando a comunicação entre estes níveis ao longo da embriogênese.

¹⁵ BALBI, Renato e Rosellina. Longa viagem ao cérebro. Tradução de Ângelo Barreto. Lisboa: Edições 70, [1982].

9 - ALFABETO FONÉTICO GREGO

Voltando ao plano da interação entre sujeito e cultura e municiados com as referências conceituais já colocadas, examinemos a gênese da dominância visual/digital em nossa cultura a partir da criação do alfabeto fonético grego.

Voltemos agora no tempo, sim porque agora o tempo existe e podemos voltar ou ir graduando a viagem através da história.

Antes nesta dimensão só haviam o agora, o passado mitológico e o futuro profético.

E antes deste antes o eterno presente. Uma dimensão de pura atenção responsiva alternada com cochiladas preguiçosas aonde corriam soltos o sonho e a imaginação.

O sonho e a imaginação é a experimentação levada e seus extremos, combinando e recombinando possibilidades, usando livremente os dois principais modos de processamento neural alocados em cada um dos hemisférios cerebrais sem os necessários condicionamentos dos parâmetros do mundo físico.

Devemos aos gregos a elegância da tecnologia de representação da estrutura da fala, o alfabeto fonético¹⁶, que usamos ainda hoje. Tentativas feitas anteriormente produziram outros silabários mas em nenhum deles encontramos a representação da atomização fonética da fala. Reproduziam-se as sílabas, os grupos fonéticos, mas aos gregos indubitavelmente cabe o mérito de fragmentar as sílabas em suas unidades cinestésicas de

¹⁶ HAVELOCK, Eric A. Revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais. Tradução Ordep José Serra. São Paulo: editora da UNESP.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

emissão, e com menos de trinta símbolos gráficos criar um instrumento econômico de representação, que não sobrecarregava a memória.

Com estes poucos símbolos gráficos pode-se a partir de então representar todo e qualquer som.

Era portanto uma tecnologia de representação gráfica das posturas do aparelho fonador e assim adaptável para a transcrição escrita de qualquer tipo de língua falada.

Diferentes culturas, grafavam suas memórias pictograficamente desde há muito.

As tentativas mais próximas, de grafar o processo fonético para a representação da língua falada centravam-se nas sílabas como unidade mínima a ser representada.

Com variações naturais de idioma para idioma, este processo resultava quase sempre em número grande de sílabas a serem dominadas pela memória de um candidato à aquisição da tecnologia de alfabetização.

O processo empregado nestes casos, baseava-se nos sistemas de representação da oralidade.

Ouviam-se as palavras e eram percebidas as unidades fonéticas que chamamos sílabas.

A cada uma destas era atribuído então uma representação gráfica.

Ou seja, cruzavam-se os mapas internos e externos do ouvir e do ver e o resultado era este nível de divisão.

A genialidade do alfabeto fonético grego resultou da intervenção do sistema de representação cinestésico na decupagem da fala.

Com isto podia-se perceber e por conseguinte representar, os diversos arranjos corporais que o aparelho fonador assume para emitir os sons vocálicos combinados com as consonantais.

Assim os gregos atomizaram, reduziram os componentes às unidades mínimas que constituem o processo de fonação, ele próprio uma habilidade cinestésica.

Simbolizava-se visualmente, com a combinação de letras, a cinestesia da fala, saber comum a todos os humanos descontextualizando-se o alfabeto da língua e da cultura e liberando esta poderosa tecnologia de representação tornando-a acessível a todos.

Inicialmente nos contextos pictográficos as representações permitiam alguma leitura analógica mesmo para quem não fosse iniciado nas chaves da língua.

Estas representações e simbolizações gráficas que se assentavam no sentido da visão, desenhavam coisas do mundo e, através de suas formas e das relações espaciais destes símbolos, sobre a superfície do suporte aonde se inscreviam, podíamos com alguma imaginação chegar a uma aproximação razoável pelo menos do contexto ali codificado.

Em alguns casos a estas representações pictográficas associava-se também no ato da leitura a sonoridade do nome da coisa representada.

Com os alfabetos fonéticos vela-se a visão (enquanto projeção interna de significados) - o que se representa são os sons de uso corrente presentes na língua compartilhada.

A contextualização destes sistemas assenta-se na cultura oral específica de seu grupo de falantes, pois representam sons/sílabas ao invés de símbolos/coisas.

As sílabas são contextualizadas, por serem a unidade fonética do conjunto de sons de uma determinada comunidade de falantes.

A dissecação da sílaba em elementos menores, como o fizeram os gregos, representando os componentes dos arranjos cinestésicos do processo de emissão da fala, permite a tecnologia descontextualizada da escrita liberando-a assim da cultura particular a

que pertence uma língua e contextualiza-se (universalizando-se) no processo motor de emissão da fala, um talento cinestésico de toda a espécie humana.

As culturas pré-alfabéticas são também pré-filosóficas e pré-científicas

A evolução das tecnologias de representação da memória das culturas alfabéticas e de suas línguas passa por muitas etapas intermediárias e em todos os percursos podemos observar uma gradativa distância sensorial se estabelecendo entre representação e objeto representado, num caminhar rumo à abstração mais refinada indo decididamente do analógico para o digital.

Desígnio ou desequilíbrio momentâneo eis a questão!

Em nossa moderna cultura de massas urbana, por exemplo, a digitalização exacerbada da consciência transformou o que poderia ser o bicho vivo humano na identidade/símbolo, etiquetada na cultura no nível mais abstrato.

O homem número, re-sensorializado pela sociedade de consumo, pelas mídias eletrônicas e pelos perfumes sintéticos, já não demarca seus territórios.

As suas marcas são marcas de pertencimento.

A sua ânsia é a ânsia de inclusão na horda de consumidores da grande boutique da civilização pós-industrial.

A digitalização exacerbada ajudou também o surgimento do intelectualismo monolítico com o qual a vida comum não mais se intromete.

Qual destes tranSES iremos escolher?

A apreensão estético/poética da vida é em muitas culturas considerada uma virtude superior.

O encantamento multifacetado dos sentidos apreciando a mudança das estações, as brisas noturnas, o canto dos pássaros, desvela um pertencer mais denso à tribo original dos viventes.

Mesmo para os gregos, que continuam sendo os patriarcas de nossa maneira de ver o mundo, a filosofia ou a ciência se integravam no conjunto das apreciações estéticas e eram sorvidas com prazer como quem saboreia um vinho raro.

10 - O PONTO DE VISTA

O sentido da visão ia assumindo uma posição cada vez mais dominante na teia de cooperação dos sentidos e na estruturação das linguagens e modos de representação da cultura ocidental com a exploração mais ampla de suas possibilidades instrumentais.

Para um esquimó isto não faria nem um mínimo de sentido.

Por viver nas brancas planuras geladas tem que manter o olho apertado e protegido contra a cegueira.

Sua orientação apóia-se fortemente no sentido do olfato e com ele pode distinguir cada ponto e tempo de seu território. Sua língua é rica de predicados com as correspondentes distinções e palavras para isto.

Surpreendentemente apesar de sua orientação não-visual sua produção gráfica é riquíssima do ponto de vista artístico.

Por outro lado a maneira com^o organiza o seu espaço gráfico pouco ou nada tem com o sentido da visão ou do espaço como o concebemos. Ele é capaz de começar um desenho de um lado do papel e continuar sem embaraços nas costas do mesmo.

Já para um grego e para as gerações seguintes de nossa civilização, a visão foi sendo gradativamente treinada pelo exercício da leitura e das geometrias, aprimorando as representações internas destas abstrações e motivando as artes e demais ofícios aonde a instância visual tinha mais ingerência.

O olhar volta-se de forma analítica para o mundo desconstruindo o espaço em perspectivas, paralaxes, eixos e vetores e provocando o surgimento da alucinação chamada

observador. O homem e o mundo em oposição em um engendramento de relações paradoxais estando nele se vê como de fora, alheio, alienígena, dessacralizador.

Neste percurso, o papiro, o pergaminho, mais tarde o códice no sec V, o papel em seguida, e agora as telas de computador, suportes específicos para o espaço gráfico dos textos em nossa herança cultural, se revestem a cada novo degrau, das propriedades próprias da geometria como altura, largura, eixos e proporções matemáticas norteando as composições. Criamos um mundo virtual, nossa particular alucinação compartilhada

As produções escultóricas e arquitetônicas dos gregos já eram verdadeiros tratados canônicos registrando a construção do encontro entre beleza, harmonia, números e proporções.

Na época da invenção do alfabeto fonético grego a vida comum era ainda fortemente imersa na riqueza de uma cultura oral que já havia legado a dramaturgia, os poemas épicos e toda uma literatura mitológica.

A oralidade organizava a cultura. A interlocução no modo oral é mais cheia de vida e foi com grande resistência sensorial que a escrita foi assimilada.

No começo eram notas ao sabor do escriba, num esforço de transcrição da oralidade dominante. Levou um tempo também para que se estabilizasse uma padronização gráfica dos signos que no começo variavam de região para região.

Mesmo a ordenação das letras na sequência do alfabeto só veio depois importada dos alfabetos semitas.

Os gregos compreenderam com muita propriedade as possibilidades pedagógicas do novo instrumento e assim começaram a alfabetizar as crianças quando estavam ainda aprendendo os sons da língua.

Os primeiros passos históricos da escrita grega eram como um roteiro breve para refrescar a memória da expressão oral deixando espaços para os constantes improvisos do orador como era costume.

Aliás até o século dezesseis a leitura era concebida sempre em voz alta não se desvinculando da interlocução direta. Isto só mudou com o advento da imprensa quando mais e mais livros haviam e mais e mais leitores.

O objeto suporte liberta-se do claustro das bibliotecas dos monastérios e mesclando-se com a nascente vida urbana vai até o folhetim nas tavernas.

Voltando aos gregos, percebemos que à evolução do texto seguiu uma linha diferente do da evolução das habilidades da escrita. Os gregos não separavam as palavras, sua escritura era contínua. A massa do texto visualmente disposta pela superfície suporte, percebida como uma entidade geométrica aqui e ali recebe incipientes intervenções diagramadoras de cunho meramente estético.

A organização do texto, que chega até este nosso exercício acadêmico como as regras de diagramação para apresentação de monografias, segue a evolução deste fato.

A normatização do texto surgida progressivamente da atividade dos copistas entre a queda do império e a idade média, voltava-se para a clareza de leitura advinda desta primeira percepção geométrica da massa da escrita.

À ordenação do pensamento de Aristóteles deveria encontrar correspondência nos blocos gráficos permitindo uma primeira aproximação visual das relações entre as partes e os todos como presente em suas argumentações.

Os pergaminhos eram de difícil manuseio impedindo uma leitura contínua como a conhecemos hoje em dia. Com a introdução dos códices foi introduzida a dobra central como a temos hoje nos livros.

Assim o olhar e o pensamento foram treinando e sendo treinados e mais e mais o texto e mente se normatizavam em prol da clareza (que é um predicado visual).

Como os sentidos trabalham em cooperação *ad hoc*, o pensamento que antes era a própria fala e que a escrita tenta registrar como pôde naqueles primeiros momentos, vai aos poucos se organizando em blocos e sequências seguindo as mesmas exigências de diagramação.

A fixação espaço/temporal de um texto permite que ele se desdobre mais longamente sem perder o fio da meada. Assim o pensamento pode se dedicar a exercícios mais extensos de investigação de suas próprias possibilidades.

O pensamento é na verdade a linguagem, o modelo interno do mundo por excelência, sua representação, o que nomeia e cria a percepção antes mesmo que os próprios sentidos se apercebam.

O pensamento é a fala do dom da inteligência, o instrumento que compara as sensações e as organiza em percepções ordenadas dentro da estrutura global de seu aprendizado constante.

Assim passo a passo o pensamento (via olhar) foi aprendendo/ensinando a classificar o mundo em ordens espaço/temporais e constrói as bases fisiológicas de nossos atuais métodos científicos de investigação.

A evolução do texto caminha lenta até a invenção da imprensa e aceleradamente após esta com mais e mais leitores treinados na nova tecnologia de representação.

A história como a conhecemos também deriva do pensamento treinado na abstração do espaço/tempo da geometria.

O mesmo pensamento que produz a linearidade da escrita, a objetização da linearidade da fala, sua temporalidade sequencial, cria as condições para o surgimento deste olhar sobre os eventos e que a nova tecnologia de registro possibilita fixar.

11 - TEMPO E HISTÓRIA

O tempo é um padrão subjacente às linguagens e serve como estas para referenciar relações na mesma dimensão operativa.

O tempo aparece estruturalmente na sincronização dos ritmos biológicos em seu modo binário, marcando o compasso entre uma e outra pulsação e regendo a sinfonia de contrações e expansões que movem o metabolismo.

O Tao se desdobra em Tai-Chi e inicia a dança dos opostos complementares. O ritmo é um padrão que permeia, sua contagem é o tempo.

Aqui de novo devemos dizer que o tempo não existe como uma coisa e sim como padrão emergente em relações específicas nos recessos da mente humana

O tempo (tal qual o conhecemos), é uma dimensão operativa desenvolvida por e para a espécie humana de modo a permitir a sincronização histórica das ações coletivas¹⁷.

Para que a humanidade otimizasse as ações na cultura, o tempo necessitava se tornar um padrão fluente no mundo da linguagem. Assim nasceu a história como hoje a entendemos.

Se para as entranhas criativas da epigêneses somos uma espécie destinada a fazer do desvio o método, também somos os encarregados de construir novas estruturas de avaliação à luz do dia, acelerando a exploração estocástica do território e aprimorando a feitura de mapas e roteiros genéticos.

¹⁷ WHITROW, G. J. O Tempo na história: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias. Tradução Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

Como espécie envolvida, mais do que qualquer outra, com este projeto, precisamos do tempo na raiz das linguagens para que possamos coordenar nossa ações e possibilitar a articulação coordenada de coletivos em níveis lógicos crescentes (coletivo dos coletivos, coletivo dos coletivos de coletivos, etc).

O tempo humano é um tempo voltado para a sincronização de instâncias variáveis, para a possibilidade criativa do desvio, sendo deste modo bem diferente do tempo sincronizador próprio das formigas, dos pássaros migratórios, dos animais hibernadores, por exemplo.

A história da história e a história da ciência ou do conhecimento, como os conhecemos hoje, é a história da mente da cultura ocidental, condicionada pelo sentido da visão através da linearidade da escrita e da otimização estética dos espaços gráficos, acelerados a partir da invenção da imprensa e do amadurecimento paralelo das noções de continuidade no espaço através dos ramos desenvolvidos da geometria e da invenção da perspectiva geométrica que estabelece o ponto de vista.

Como exemplo, podíamos imaginar que a China,¹⁸ aonde praticamente tudo se inventou, desenvolvesse uma ciência como a que temos agora. Isto de fato não aconteceu, pois seus condicionamentos mentais e culturais a partir dos padrões peculiares de sua língua e sistema de representação levaram-nos para a via analógica, e para a apreciação cinestésica do mundo dos fenômenos.

Estamos falando de equilíbrios e dominâncias.

O lado analítico da mente chinesa é extensamente conhecido só que este se subordina a outros parâmetros de organização da vida sócio/mental como o sistema ético confuciano ainda hoje atuante em seu inconsciente coletivo.

¹⁸ VANDERMEERSCH, Léon, In: Cultura, pensamento e escrita. Tradução Rosa Maria Boaventura (francês) e Valter Lellis Siqueira (inglês). 1995, p. 47-63.

A cultura ocidental por seu lado perdeu com sua excessiva digitalização o apreço pelos valores cinestésicos, sendo as artes do corpo sempre consideradas menores quando comparadas às artes do espírito.

Contribuiu também para isto a influência cristã, considerando a vida terrena como vida menor, e o céu idealizado superior a terra e o corpo e alma em completa dicotomia (ai de nós!) tendo que trabalhar duramente para expiar o pecado original.

A noção de pecado no qual se enquadravam o desejo de lucro e a avareza conseguiu reter até a metade do milênio o rolo compressor da nova mentalidade que se formava.

A igreja ainda detinha a hegemonia da organização social por ser o último bastião de ordem desde a queda do império. Seus paradigmas no entanto foram tomados de assalto pelo novo espírito digitalizador de corações e mentes

A esta altura a história já é uma entidade bem sólida entre nós.

Tempo e sociedade são simbióticos, seja o marcador de referências os cios, a fome, o dia, a noite, os tambores das galés ou os relógios atômicos de nano precisão.

No conjunto do corpo social os guardiães da nova ordem arrebatam o controle social e estabelecem um novo projeto de utopia centrada no novo modo de produção de conhecimento.

Ciência é o seu nome e universidade o seu território.

12 - O SABER E O PODER

O conhecimento precisava se expandir e se ampliar para o estabelecimento do novo paraíso terrestre.

Os vírus culturais e as outras epidemias varriam a Europa de um lado a outro.

A crisálida desdobra suas asas preparando-se para um novo tempo.

Do estilhaçamento da cultura européia pós-romana à reestruturação dos modos de produção econômica e cultural na idade média afirmam-se grupos com uma nova visão de mundo aonde a circulação da informação se torna peça estratégica.

Consagram o saber como instrumento de evolução da vida e de afirmação das liberdades advindas do conhecimento humano.

O saber como um direito universal e básico a que todos possam ter acesso.

Saber como atributo inalienável do ser humano, marchando na contramão do dogma religioso de exclusiva regência divina sobre a vida.

Não mais o saber das fantasmagorias e crenças do horizonte das religiões mas o saber que se cria e se afirma no processo de indagação do real e na sua modelagem.

A universidade como a conhecemos ao longo da história é fruto de um destes sonhos geradores de utopias.

Espaço para a criação de novas definições e de novas linguagens para o coletivo.

A esta nova postura aderem estrategicamente alguns segmentos das igrejas, antevendo a alteração progressiva das relações de poder advindas da evolução do novo *modus operandi* do conhecimento.

Conhecimento traduz-se em poder e em controle social!

Afirma-se pelo sucesso de seus empreendimentos em resposta as demandas prementes de seu tempo histórico uma nova classe de agentes sociais e deflagra-se nem sempre de forma aberta a luta entre o velho e o novo (e diga-se, nem sempre entre o melhor e o pior).

O homem domina a natureza?!?!?

O fazer sobrepuja o saber e nesta nova correlação de forças chegamos às crises dos tempos modernos.

O homem como servo mecanismo dos sistemas de produção voltados para o lucro.

Manipulam-se as vontades, os sonhos e os desejos.

Caímos mais uma vez numa trama hipnótica de práticas totalitárias que se reproduzem e se justificam e que se distanciam a passos largos dos ideais de liberdade e de afirmação do conhecimento como instrumento comum.

A universidade brasileira padece destes mesmos males.

13 - TUPY OR NOT TO BE

A educação no Brasil foi sempre historicamente comprometida com os projetos de dominação.

O projeto de controle da colônia baseava-se no isolamento de suas partes para que não chegassem a se reconhecer como um coletivo possível.

Mesmo aos governadores gerais era impedida a circulação pelas capitanias ao longo do território prevenindo-se a metrópole contra a formação de eventuais alianças internas.

Do mesmo modo proibia-se a existência de minifúndios e obrigava-se a monocultura de larga escala para impedir o surgimento de uma estrutura de produção auto-sustentável que nos liberasse da dependência das manufaturas e produtos europeus.

A educação a cargo dos jesuítas até o conflito com o marquês de Pombal teve em sua primeira fase o mérito de adotar a língua geral como elemento integrador de fato. Os elos com o inconsciente coletivo da futura nação brasileira ainda dispunham de sonoridades familiares.

Sua substância no entanto era apenas o adestramento nos paradigmas europeus/cristãos/católicos da época. Nada, absolutamente nada que se caracterizasse como um instrumento de construção técnica ou social mais eficiente.

Talvez devamos agradecer a Napoleão que nos alçou à condição de sede do império impondo-se assim a criação de estruturas compatíveis com o padrão cultural dos recém imigrados.

Até este momento eram vetados os cursos superiores ao sul do equador.

A quarentena termina em 1827 com a criação dos cursos de estudos jurídicos voltados a formação de quadros da elite para as assembleias, governos das províncias e governo central durante a fase do império

O Brasil que se fazia para a corte era um tanto mais refinado que aquele aonde viviam os mandatários da colônia.

Depois veio a independência como mais um ato estratégico no roteiro do controle. Os fatos evoluíam contra Portugal e num passe de mágica fizeram do Brasil um neo-Portugal usando a lógica aglutinadora do inimigo externo.

A proclamação da república, foi uma mudança na relação de forças da elite dominante e corresponde apenas no tempo ao eco dos novos paradigmas sociais e econômicos da Europa e dos ideais democráticos americanos. De resto mais uma mudança de cima para baixo na estrutura social aonde a maioria do povo continuava excluída e ausente.

A esta altura dos acontecimentos a Inglaterra era a face mais explícita do novo imperialismo, pressionando para a criação de novos mercados e novas relações de dependência estimulando a independência das colônias alheias.

Inglaterra que era no momento a principal caldeira da revolução industrial e que inspirou a iluminada formulação de Marx para os rumos de transformação social a partir das contradições entre as forças de produção econômica.

A partir do materialismo filosófico, o pensar social retomava o seu vínculo imediato com o calor dos fatos. Era no entanto ainda uma perspectiva faustiana embuída da crença do poder da ciência cartesiana e da técnica industrial como instrumentos para a construção da prometida Canaã.

Com a república tudo continua como dantes. O ensino superior continua sendo uma atribuição (embora não privativa) do poder central e obviamente orientado à reprodução de suas estruturas.

*"É em virtude da autorização outorgada pela reforma Benjamin Constant surgem várias escolas superiores de iniciativa particular, como: as Faculdades de direito da Bahia, do Rio e de Minas Gerais; as Escolas de Engenharia do Recife e do Mackenzie (São Paulo); as Politécnicas de São Paulo e da Bahia; e a Faculdade de medicina de Porto Alegre."*¹⁹

¹⁹ FÁVERO, Maria de Lourdes A. Universidade & Poder - (análise crítica/fundamentos históricos: 1930-45. Rio de Janeiro. Achiamé, 1980.)

14 - NA MARCA DO PÊNALTI

Os dois times saem tensos dos vestiários e colocam-se em posições estratégicas pelo gramado. O juiz é a história a quem cabe apitar cada lance e o desenrolar dramático de cada tempo. Capital versus trabalho, na partida do século.

Os intelectuais aliam-se à classe operária, aos deserdados, aos oprimidos e pensam e repensam a utopia.

Só que o pensar dos intelectuais, salvo louváveis exceções em que a inteligência ficou acima da digitalização *naif* da realidade, deriva de todos os afluentes históricos de condicionamentos mentais de nossa cultura.

A revisão de Edgard Morin e a posição firme de Paulo Freire quando distingue sectários de radicais são quase que faróis solitários na equipe dos socialmente comprometidos.

No campo da educação, todos os projetos pedagógicos mais comprometidos com a solidariedade social, neste período, provam do mel desta última utopia.

Sua implantação porém obedece às circunstâncias das tensões de controle social de cada contexto. A universidade burocratizada nisto se inclui.

Talvez a universidade verdadeira seja este bando de saltimbancos/pensadores/poetas que encenam com arte e emoção seus autos de fé à margem do padrão.

Esta troupe do espírito humano deambulando pelas épocas, reavivando o sonhar.

E nisto este foi um século fértil.

É bem verdade que fomos para os pênaltis na copa da globalização e o juiz... bem mas isto já é um outro capítulo em que trataremos de ética e outras necessidades básicas!

15 – QUINHENTOS ANOS DE GELÉIA GERAL

Graças vos damos Marquês de Pombal à sua intervenção cirúrgica e consequente amputação da língua geral.

O suíngue persiste nas entranhas da última flor do Lácio que a vida é feita de resistências e apegos inevitáveis.

índios, negros, mamelucos, mulatos
e demais denominações usadas
para designar o festival genético
com que os trópicos nos abençoaram,
incluídos aqui os de origem europeia,
já convertidos à musicalidade e à cadência malemolente e expressiva de nossa fala,
ouviram às margens plácidas do Ipiranga no sotaque arrastado do imperador
(graças ao bigode, à liturgia do cargo e à origem lusitana)
o marco oral do novo discurso.

Os portugueses daqui declaravam-se independentes dos portugueses de lá.

Quanto a nós bem, isto já é uma outra história,
O brado retumbante fica por conta do Galvão Bueno
Enquanto driblamos certo com as pernas tortas
E comemoramos com sorrisos dentuços cada gol.

O hino é indecifrável
mas que orgulho quando se hasteia a bandeira, que raios fúlgidos que emoção indescritível!
Somos pura emoção e aí não chegam as palavras, só vale a carga poética que nos nocauteia
como um direto do Popó, dedicando a vitória aos meninos de rua e desfechando seus
esmagadores lábaros estrelados nos maxilares de seus oponentes.
Brasil de um sonho intenso seja símbolo!
Subimos ao pódio embriagados por este sentimento sem discurso, emudecidos às lágrimas
acompanhando contritos o
hastear do verde louro desta flâmula.

Voftamos ao dia-a-dia plenos de paz no futuro, glórias no passado e
contas no fim do mês.
Oh pátria amada, idolatrada,
Salve seus filhos deste cruel destino,
Um sonho tão belo
E relações tão perversas!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa reflexão centrou-se nos temas do aprendizado e de seus condicionantes.

A aproximação com o campo da educação é óbvio mas indireto.

Evitamos uma trilha frontal para evitar o manuseio, nosso e de nossos interlocutores, do emaranhado de mapas deste caminho já tão percorrido.

Espero que o deslocamento provocado traga frescor e excitação.

A contextualização histórica dos temas é propositalmente relativizada pelo fato da própria história ser tratada como filtro adquirido, de grande carga hipnótica, merecendo exame mais cauteloso.

Assim agi como quem não quer ser hipnotizado, brincando com o hipnotizador, esvaziando sua seriedade emprestada.

Preferi dar a seriedade à nossa capacidade inata de criar modelos e dialogar com o mundo através deles.

A história é apenas uma de nossa criaturas!

Como escalador namorei de outro ângulo a montanha e me aproximei conferindo no contato direto o que imaginara ser uma via de ascensão. A paisagem vista de forma diferente me recompensa e o prazer de subir, dialogando fisicamente com a pedra reforça uma intimidade muito antiga. Aqui e ali fixo alguns grampos aonde meus companheiros de montanha poderão no futuro alçar suas cordas e subirem com mais segurança por este novo caminho se sua curiosidade e sensibilidade, ou até mesmo o acaso, os trouxeram até aqui.

E assim, mesmo só, não sigo sozinho,

Pois tenho o mundo em meu coração.

Algumas vontades não realizadas ficam como sonhos seguintes.

Rever, a partir dos postulados da programação neurolinguística, o método Paulo Freire e os afluentes que lhe deram corpo.

Substanciar, a partir destas novas linguagens e modelos, as intuições, presentes no método, sobre o papel que a percepção dos contextos desempenha, nos processos de aquisição e criação de conhecimento.

Traçar o percurso destas intuições, rastreando seus traços geradores nos trabalhos anteriores do próprio Paulo e, principalmente, no trabalho de educadora de Elza, com quem se casa, e no trabalho desenvolvido pelo IRAM – Institute de Recherche de Méthode de Développement, criado no Marrocos em 1956 por Yves Goussant e Henryane de Chaponay, que obviamente o inspiraram.

O IRAM se dedicava à assessoria em educação e animação (no sentido de dar ânimo e alma) rural às ex-colônias recém libertadas da África francesa (Marrocos, Senegal, Argélia e Madagascar), nações então independentes porém envoltas nos embates da pós-tribalização.

Os métodos pedagógicos destes pioneiros, inovavam em linguagem e mobilização, envolvendo a população rural mais próxima dos contextos tribais, para os projetos de construção nacional destes povos.

Josué de Castro faz a ponte entre o IRAM e o MEB – Movimento de Educação Brasileira..

O MEB Pernambucano encarrega a educadora Vera Jacoud para ir ao IRAM, no Marrocos e receber treinamento nestes métodos.

Os instrumentos de compreensão intelectual da época de aplicação do método Paulo Freire estavam dicotomizados na luta política e, por que não dizê-lo, sectarizados na dominância do adquirido, embriagados na crença faustiana da construção do mundo e particularmente na crença ainda mais fervorosa da iminente revolução popular brasileira.

Depois Paulo Freire tornou-se um mito e portanto sacralizado pelos muitos tabus que dão aos mitos a sua imunidade e distanciamento.

Discutia-se e louvava-se a eficiência instrumental do método dentro do quadro geral das ferramentas revolucionárias em uma apreciação mais ideológica e utilitária do que científica.

Isto pode ser divisado no denodado (quase desesperado) esforço de seus prefaciadores e comentaristas, tentando torná-lo dos seus, um par entre pares, e contornando com dificuldade o embaraço formal do caráter não-acadêmico de algumas partes de seus escritos.

Acredito que seja sadio empreender uma leitura ideologicamente menos sectarizada e mais instrumental deste fenômeno, que ainda ocupa um centro de referência para nossos modelos de construção de utopias, neste momento em que os que ainda sonham no Brasil, com uma educação mais comprometida com o desenvolvimento integral das possibilidades humanas, se veem envolvidos em luta desigual com os furacões globalizadores, que varrem indistintamente tanto o nosso Quixote, quanto nossos antigos moinhos de vento.

Valdo Felinto

outono de 2000

Em data especial de alinhamento entre
Sol, Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno,
(e de todos os respectivos satélites),
e ainda com fé no presente como matriz criadora do futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Rubem. Sobre o tempo e a eternidade. 5.ed. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. Concerto para o corpo e para a alma. 2.ed. Campinas: Papyrus, 1998.

BALBI, Renato e Rosellina. Longa viagem ao cérebro. Tradução de Ângelo Barreto. Lisboa: Edições 70, [1982].

BANDLER, Richard, GRINDER, John. Patterns of the hypnotic techniques of Milton Erickson, M.D. – Vol I. California: Meta Publications, 1975.

_____, The structure of magic : a book of language and therapy. Vol I, Palo Alto, California: Science and Behavior Books, 1975.

_____, _____. Vol II . Palo Alto, California: Science and Behavior Books, 1976.

_____, DELOZIER, Judith. Patterns of the hypnotic techniques of Milton H. Erickson, M.D. Vol 2. California: Meta Publications, 1977.

_____, DILTS, Robert, et al. Neuro-linguistic programming: the study of the structure of subjective experience. California: Meta Publications, 1980.

BATESON, Gregory. Mind and nature. New York: E.P.Dutton, 1979.

- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar : a aventura da modernidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1986
- BOHN, David. A totalidade e a ordem implicada : uma nova percepção da realidade. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BOTTÉRO, Jean, MORRISON, Ken et al. Cultura, pensamento e escrita. Tradução Rosa Maria Boaventura (francês) e Valter Lellis Siqueira (inglês). 1995.
- BRUNER, Jerome. Realidade mental, mundos possíveis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- DILTS, Robert, HALLBOM, Tim, SMITH, Suzi. Crenças. Tradução Heloisa Martins Costa. São Paulo: Summus, 1993.
- DYSON, Freeman. Infinito em todas as direções : do gene à conquista do Universo. São Paulo: Best Seller, 1988.
- ERICKSON, Milton H. Os seminários didáticos de psicanálise de Milton Erickson; editado c/ comentários por ZEIG, Jeffrey. Tradução Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- FÁVERO, Maria de Lourdes A.. Universidade & Poder - (análise crítica/fundamentos históricos: 1930-45. Rio de Janeiro. Achiamé, 1980.)
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

- _____. Pedagogia do oprimido. 27.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FLUSSER, Vilem. Língua e realidade. São Paulo: Herder, 1963.
- GADOTTI, Moacir. Convite à leitura de Paulo Freire. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- GIMPEL, Jean. A revolução industrial da idade média. Tradução Amarina Alberty, Lisboa: Publicações Europa-América, 1975.
- HAVELOCK, Eric. A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais. Tradução Ordep José Serra. São Paulo: editora da UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. 17.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- KORZYBSKI, A., Science & Sanity, Lakeville: The International non Aristotelian Library P. C., 4th Ed., 1958.
- LÓWY, Michael, SAYRE, Robert. Revolta e melancolia : o romantismo na contramão da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MARINO JR., Raul. O cérebro japonês. [São Paulo]: Aliança Cultural Brasil Japão/Estúdio Massao Ohno, 1989.
- MCLUHAN, Marshall. A galáxia de Gutenberg. Tradução Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional: Editora da USP, 1972.
- _____. Os meios de comunicação como extensões do homem. Tradução Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

MENDES, Candido(org.), LARRETA: Enrique Rodríguez(edit.) Représentation et complexité. Educam/Unesco/ISSC. Rio de Janeiro: Lidador, 1997.

MOLLAT, Michel. Os pobres na idade média. Tradução Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

MORIN, Edgar. Introduction a une politique de l'homme. Paris: Éditions du Seuil, 1965.

_____. Para sair do século XX. Tradução Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NUNES, Rui Afonso da Costa. História da educação na idade média. São Paulo: EPU: Editora da USP, 1979.

ORNSTEIN, Robert. A mente certa – entendendo o funcionamento dos hemisférios. Tradução Ana Beatriz Rodrigues e Priscilla Martins Celeste. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. Edgar Morin. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. El processo grupal : del psicoanálisis a la psicología social. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1980.

PICHON-RIVIÈRE, Instituto. O processo educativo segundo Paulo Freire & Pichon Rivièrè . 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

PIRENNE, Henri. História econômica e social da idade média. Tradução Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Mestre Jou, 1963

REICH, Wilhelm. Psicologia de massa do fascismo. Tradução J. Silva Dias. Porto: Escorpião, 1974.

RUSSEL, B., WHITEHEAD, A. N. Principia Mathematica. Cambridge: Cambridge University Press, 1913

SAHTOURIS, Elisabet. A dança da Terra : sistemas vivos em evolução: uma nova visão da biologia. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1996.

SOMMER, Robert. Espaço social : as bases comportamentais de projetos e planejamentos. São Paulo: EPU: Editora da USP, 1973.

SCHUTZ, William C. Psicoterapia pelo encontro : um guia para a conscientização humana. São Paulo: Atlas, 1978.

TRUC, Gonzague. História da filosofia. Porto Alegre: Globo, 1968.

WATZLAWICK, Paul, WEAKLAND, John, FISCH, Richard. Mudança : princípios de formação e resolução de problemas. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____, BEAVIN, Janet Helmick, JACKSON, Don D. Pragmática da comunicação humana : um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1973.

WILBER, Ken(org.),PRIBRAM, Karl, CAPRA, Fritjof et al. O paradigma holográfico e outros paradoxos : uma investigação nas fronteiras da ciência. Tradução Maria de Lourdes Eichenberger e Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix,

WHITROW, G. J. O Tempo na história : concepções do tempo da pré-história aos nossos dias. Tradução Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS -
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO**

AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA

Título da monografia: PEDAGODRAMA, UMA DIMENSÃO ESSENCIAL
PARA UMA EDUCAÇÃO EM TRANSE

Autor: VALDO DE FREITAS FELINTO

Professor Orientador: _____

Professor Leitor: ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

Parecer do Orientador:

Parecer do Professor Leitor:

O trabalho de Valdo apresenta em cada item um ato de reflexão que abala os padrões tradicionais de uma monografia clássica e catatônica. São feitas reflexões a partir de novos parâmetros, que vinculam poesia e ciência. Acredito que Valdo produza uma articulação mais profunda entre suas reflexões. Sentindo falta dessa articulação concedo-lhe nota 9,0, conceito E

Conceito Final: E

Data: 30/05/2000

Assinaturas:

Angela Maria Souza Martins



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS -
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO**

AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA

Título da monografia: _____

Autor: _____

Professor Orientador: MARJHA ALKIMIN

Professor Leitor: _____

Parecer do Orientador:

Contra a monografia de Valdo a nota dez (ou o conceito E) pela originalidade da abordagem, pela maturidade discursiva e sobretudo por ter realizado um trabalho efetivamente autoral.

Parecer do Professor Leitor:

Conceito Final:

Excelente

Data:

Assinaturas:

Martha Alkimin